

Refil 3

Algumas percepções de gráficos na cidade

Priscila Lolata¹

Olhar a cidade hoje requer destreza. A superposição de informações dos meios de comunicação, principalmente da publicidade, proporcionam ao nosso olhar um emaranhado de formas e escritas que buscam injetar diretamente no nosso subconsciente valores primaz da sociedade capitalista: consumo, velocidade, insatisfação com o velho, dentre tantos outros.

Porém, há formas de desvios dessa imposição que controla a sociedade. São os dispositivos que emergem de uma estética urbana e que podem ser considerados micro-resistências ao poder instaurado. Algumas intervenções artísticas na cidade têm evidenciado uma confluência de percepções que, muitas vezes com poética, humor e ironia, dialogam com questões urgentes da cidade contemporânea e com a maneira com que as pessoas se relacionam com ela.

Nessas ações artísticas, elementos gráficos aparecem com força. O gráfico na cidade, em geral, pode ser expresso por inúmeras formas, panfletos, adesivos, cartazes, faixas, etc. Normalmente, essas linguagens estão vinculadas a informações de estímulo ao consumo, comunicados de serviços ou propaganda política. Mas uma quebra na condição desses suportes gráficos pode gerar uma pausa no condicionamento do dia-a-dia. São o caso de intervenções urbanas propostas por artistas/designers que se apropriam desses meios e fragmentam o cotidiano do cidadão com inserções poéticas.

Andando pela rua, com pressa você recebe um panfleto com instruções, não crê muito no que vê, mas para e conferi. São instrução de como você pode usar o saquinho de pipoca na divulgação de suas idéias. Num procedimento semelhante ao que Cildo Meireles propôs na década de 1970, inserir frases ideológicas nas garrafas de Coca-Cola, porém com um suporte mais simples e

¹ Priscila Lolata é curadora e crítica de arte. Mestre em história da arte, desenvolve atualmente no doutorado, em urbanismo contemporâneo - UFBA, pesquisa sobre intervenção artística na cidade contemporânea.

popular. O panfletinho ensina, passo a passo, com ilustração, como difundir mensagens através de carimbos em saquinho de pipocas, que devem ser entregues aos pipoqueiros. Detalhe: tem a recomendação de que sua idéia seja positiva e super criativa. Finalizando o conteúdo do papelzinho se lê, em grandes letras, a mensagem *Acredite nas suas ações*, com a logo do coletivo de arte GIA – Grupo de Interferência Ambiental.

Conteúdos mais sutis, com graus de subjetivações altos, também podem ser encontrados pelas cidades. Em Belo Horizonte, quadradinhos coloridos são fixados em ambientes cinzentos da cidade. Palavras como *cor* e *imagem* são gravadas nesses suspiros poéticos do espaço urbano. A força da coloração e a sutileza de uma mensagem escrita, com uma única palavra, provocam um impacto que descortina um lugar homogêneo, sem vibração, sem afeto. É na delicadeza do Grupo Poro que esse trabalho tem contundência.

Sobre um banco de praça vazio, uma frase compõe a paisagem e forma uma imagem a partir de sua afirmação: “nós somos o sítio que nos faz falta”. A ilustração, um pequeno coração vermelho. É desconcertante estar andando e enxergar provocação com tamanha sensibilidade. A mensagem, como um desabafo, é deixada ali, anonimamente, numa parede de Lisboa afirmando nossa composição e nossa falta.

Do lado de cá do Atlântico, em Salvador, num ponto de ônibus a frase “Meu endereço é em mim” está ali serena. A poesia, ou como a autora Karina Rabinovitz coloca, “um contratempo da poesia”, é alojada num lugar de espera. Espera essa, pausada pela sutileza da forma, uma caixinha de acrílico com papezinhos dentro. Nesses bilhetinhos, um despertar do eu em profundidade.

Com a mesma doçura, mas com um simbolismo que revive nossa história, a artista canadense Shelley Miller insere nos muros da cidade painéis feitos de glacê. Dos grafites de Montreal à azulejaria de Salvador, as capas açucaradas dos bolos comemorativos se tornam revestimento de um espaço público horizontal. Aqui no Brasil, após montar seu doce painel, pinta com tinta azul um belo navio, como aqueles que transportavam os negros para trabalharem nas nossas lavouras de cana de açúcar. Há um misto de afeto e dor histórica. O painel fica ao tempo e com o passar dos dias a pseudo azulejaria segue

derretendo e a tinta azul, anilina comestível, vai escorrendo como se chorasse. Uma poesia plástica embrenhada de simbolismo e beleza. Não há como negar, é lindo.

Assim, a cidade vai sendo reconfigurada. Ao observarmos ela, na medida do corpo, tem-se muito mais para ver. Detalhes desapercibidos revelam condições e poéticas de um espaço que se movimenta e superpõe informações. Mas há de se ser safo, deslumbrar as sutilezas e absorver as poéticas urbanas.

Crédito das imagens

GIA, *Acredite nas suas ações*. Foto: GIA

Poro, , *imagem, cor*. Foto: Marcelo Terça-Nada

Anônimo, *Nós somos o sítio que nos faz falta*. Foto: Priscila Lolata

Karina Rabinovitz, *Um contratempo da poesia*. Foto: Silvana Rezende

Shelley Miller, s/ título. Foto: Shelley Miller